

A questão da imagem na arte sacra em interface com o pensamento senciente de Xavier Zubiri como parte da liturgia

**The issue of image in sacred art in interface with the sentient thought of Xavier Zubiri
as part of the liturgy**

*Ronaldo Contin Della Nina**

Resumo: A ideia deste artigo foi trabalhar o pensamento de Xavier Zubiri para estudar a liturgia em interface com as imagens na arte sacra, formando parte de um conjunto composto para sua aplicação na realidade em interface com a "inteligência senciente", onde a liturgia, como espaço, pode ser compreendida como lugar de encontro com Deus. Após o Concílio Vaticano II, houve uma nova compreensão sobre a liturgia e de seu lugar no mistério da Igreja, que mudou e desenvolveu um novo «modus operandi» de se celebrar o mistério salvífico. A Igreja precisou encontrar um senso de comunidade e ajudar as pessoas a se tornarem parte de suas vidas. Por meio da arte adequada, a Igreja permite que o espaço sagrado preserve sua identidade, sendo um ícone da presença viva de Cristo no meio da sociedade. Desta forma, a arte ajuda a propor uma forma de expressão em que a Igreja seja em cada lugar um sinal da presença de Deus e uma realidade transcendente. A Igreja que tem como objetivo comunicar a presença de Jesus Cristo para preservar e levar adiante a liturgia da Igreja, tem a missão de levar ao mundo a obra salvífica, para ajudar o povo de Deus no caminho da salvação.

Palavras-chave: Arte; Liturgia; Realidade; Inteligência senciente; Xavier Zubiri.

Abstract: The idea of this article was to work on Xavier Zubiri's thought for a study of the liturgy in interface with images in sacred art, forming part of a set composed for its application in interface with "sentient intelligence", where the liturgy, as a space, it can be understood as a place of encounter with God. After the Second Vatican Council, there was a new understanding of the liturgy and its place in the mystery of the Church, which changed and a new "modus operandi" of celebrating the saving mystery developed. The Church needed to find a sense of community and help people become part of their lives. Through appropriate art, the Church allows the sacred space to preserve its identity, being an icon of the living presence of Christ in the middle of society. In this way, art helps to propose a form of expression in which the Church is in every place a sign of the presence of God and a transcendent reality. The Church, which aims to communicate the presence of Jesus Christ to preserve and carry forward the liturgy of the Church, has the mission of bringing the saving work to the world, to help the people of God on the path of salvation.

Keywords: Art; Liturgy; Reality; Sentient intelligence; Xavier Zubiri.

Introdução

* PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo); Programa de Pós-Graduação em Teologia (Mestrado).

E-mail: rnina@usp.br

Este artigo procurou utilizar o pensamento de Xavier Zubiri para um estudo da liturgia em interface com a imagem na arte sacra, fazendo parte de um conjunto composto para sua aplicação na realidade dentro do aspecto litúrgico, que unifica as faculdades do sentir e do inteligir humano, por meio da inteligência senciente. Pois a liturgia pode ser compreendida como um local de encontro com Deus, que expressa o ato celebrativo da liturgia nos sinais do mistério objetivo de Deus, se encontrando nos vários elementos artísticos presentes nos ritos litúrgicos, bem presente no cristianismo, onde os segredos são incorporados em várias formas humanas para se comunicar com os humanos. Desta forma, a liturgia é compreendida como uma celebração do mistério pascal com a história humana.

Depois do Concílio Vaticano II, surgiu uma nova compreensão da liturgia e do seu lugar no mistério da Igreja, que mudou esta situação e levou ao desenvolvimento de novos “modos de funcionamento” para a celebração dos mistérios da salvação. As igrejas precisam encontrar um senso de comunidade e ajudar as pessoas a se tornarem parte de suas vidas. Portanto, como fraternidade unida, guiada pelo Espírito Santo, este corpo deve ser um instrumento ativo da mensagem católica, em plena sintonia com o Magistério e utilizando a linguagem da beleza para aproximar os fiéis do mistério. Através da arte apropriada, as igrejas permitem que os espaços sagrados preservem a sua identidade e se tornem símbolos da presença viva de Cristo no meio da sociedade. Desta forma, a arte ajuda a dotar a Igreja de formas de expressão que em toda a parte se tornam sinais da presença de Deus e da realidade transcendente.

A Igreja, cujo propósito é expressar a presença de Jesus Cristo para preservar e sustentar a liturgia da Igreja, tem a missão de transmitir a obra de salvação ao mundo e de ajudar o povo de Deus no caminho da salvação. Desta forma, através do contato com um dos pensadores mais originais do nosso tempo, Xavier Zubiri, cujo pensamento nos permite formular novos conceitos de inteligência e realidade, a partir de uma análise da inteligência senciente. Isto demonstrará o tipo de compreensão nas estruturas associadas às emoções, e ocorre porque as emoções humanas são intelectivas, assim como a compreensão é emocional, pois o inteligir é senciente.

Portanto, a arte sacra é como uma forma de expressão artística intimamente relacionada à religiosidade e à sacralidade. É compreendida como uma obra de conteúdo religioso relacionada a rituais que fazem parte da liturgia católica. Sua função é decorar locais onde são realizadas cerimônias, rituais e celebrações religiosas. Em outras palavras, é a religiosidade e a consciência de fé dos fiéis promovidas pelo ambiente sagrado do “espaço litúrgico”.

1 A Arte Sacra

A arte sacra é uma forma de expressão artística intimamente relacionada à religião e à sacralidade, onde se compreende a arte como sendo uma linguagem única e universal da humanidade.

Sem limitações, sem espaços, não há limites de tempo, idioma ou cultura. É a linguagem religiosa do ser humano baseada nos seus anseios, gostos, formas e no ambiente social em que se encontra, é a sua realidade. Aliás, a arte sacra fala em última instância do ser humano no contexto expresso na arte de quem produz como se simplesmente observasse ou observava a arte produzida, dentro de sua realidade a qual é vista na ótica de quem produz, como na de quem está apenas admirando, e esta análise nos apresenta duas formas de ver e observar o mesmo objeto.

Mesmo com distâncias ou divisões por coerções e imposições políticas, religiosos, etc. A arte sacra tem a missão de refletir Deus para todo ser humano que nele acredita, e que permeie pessoas que não possuem a mesma forma de viver e agir.

A arte sacra serve a sagrada liturgia, ajuda o ser humano a desvelar o mistério através de uma imagem inspirada e inspiradora que deve conduzir o homem que a produz e aqueles que a contemplam a ser protagonistas de uma experiência que não se quer sentimentalista, mas sim uma experiência viva de fé que seja contemplativa do mistério divino. A beleza da arte parte do espírito de Deus que se revela inspirador no coração do artista, pela sua experiência de fé, e mesmo que não seja crente, pede-se ao artista que busque aquela inquietude no seu ser que sempre procura a verdade, o amor, o ilimitado; buscando aquela sede de infinito comum a todos os homens que os empurra para o divino mesmo que não o saibam, muitos fazem assim experiência de Deus (RATZINGER, 2010, p. 132).

Nas civilizações tradicionais, a arte sacra, tem um significado de comunhão com Deus, com a natureza e o com o próximo, se afirmando sobre o individualismo. Desta maneira, o trabalho do artesão ganha uma dimensão de oração. Por isso, para Burckhardt, uma das condições fundamentais da felicidade está em saber que tudo o que se faz traz um sentido eterno e, numa sociedade teocêntrica, a atividade mais humilde participa desta bênção celeste (BURCKHARDT, 2004, p. 20).

O artista de imagens de culto requererá um ORDO, uma ordenação e missão por parte da Igreja. Seu serviço será um mistério. O oposto ocorre com a imagem de devoção. É a vida pessoal cristã com suas reflexões de fé, lutas e buscas internas (PASTRO, 2008, p. 116-117; GUARDINI, 1960, p. 24).

Desta forma ressaltar a importância de trabalhar com a inteligência senciante é levar a visão da realidade em que se pode apresentar de duas maneiras distintas, ou seja, tanto para o artista que produziu a obra quanto para o receptor, aquele ser que está diante da obra e tem uma experiência de realidade obtida de acordo sua realidade vivida.

A arte sacra poder ser denominada como uma expressão artística que tem como objetivo estimular a fé; no caso do cristianismo, a fé cristã, que pode ser expressa por obras que promovam a cultura, as crenças humanas e a religiosidade por meio de esculturas, pinturas, dentre outras formas, mas com o intuito de remeter o significado sagrado e divino que a obra quer transmitir.

As obras sacras não são somente representadas por pinturas e esculturas, mas, também, na arquitetura, que é um tipo de obra sacra, pois ela gera um grande impacto visual, e tanto nas igrejas cristãs como em mesquitas, centros budistas, sinagogas, dentre outras, contam com decorações artísticas deste estilo arquitetônico que tem um grande papel de transmitir uma imagem para seus fiéis. E com obras artísticas, temos: símbolos iconográficos; tapeçarias; artesanato; mosaicos; vitrais; cerâmica; trabalhos em metal; entalhes em madeira e entalhes em pedras.

A arte religiosa vai refletir um espírito (psique) do artista, que traz consigo uma base de elementos de sua época, da sociedade em que vive, e que via de regra, esta arte vai levar ao deslumbramento. Com isso, as palavras de Claudio Pastro traduzem esta ideia: “na imagem de culto, Deus se manifesta e o homem emudece, contempla, reza” (*apud* TOMMASO, 2017, p. 2).

A arte sacra tem um propósito que vem da própria essência do mistério da religião, por isso, ela é objetiva. A arte religiosa é devocional, subjetiva; vem daquele que é o cliente que escolhe este ou aquele santo; não tem nada a ver com o mistério do cristianismo (*apud* TOMMASO, 2017, p. 17).

Conforme colocado, estes dois conceitos sobre arte, tem diferenças radicais, pois para o artista Claudio Pastro, arte sacra se faz um todo no espaço litúrgico e com o espaço sagrado, mesmo de forma discreta, mas ligação estrita com a liturgia. Já a arte religiosa é o contrário,

pois está ligada no sentido de uma decoração em qualquer ambiente comum, inclusive pode ser utilizada como decoração em uma capela.

Contudo, a arte sacra tem em sua essência a manifestação e a existência de Deus, por isso é sagrada, ética e religiosa. Tem uma autoridade em si, porque produz no fiel uma grande atitude de respeito e de zelo, de adoração, comoção e que tem uma forma de proximidade entre o fiel e Deus. Porém, a arte religiosa, que é uma imagem de devoção, se sente a personalidade determinada de um artista, mostrando sua vida pessoal, sua fé, reflexões, buscas internas, vivências e experiências.

Há uma diferença entre as duas manifestações, mesmo sendo pequena, porém, a arte sacra inclui cultos e promove rituais relacionados com a expressão de fé, enquanto a arte religiosa não tem esta proposta de celebração ritual.

Desde a antiguidade, as obras sagradas eram comumente representadas por pinturas, estátuas e gravuras em alto e baixo relevo. Porém, o tipo de obra sagrada que cria maior impacto visual é, sem dúvida, a arquitetura. Afinal, as autoridades religiosas recorreram à arquitetura para adorar e influenciar os seus membros.

Assim, as igrejas cristãs, mesquitas e centros budistas em todo o mundo possuem decoração artística neste estilo. Conheça agora os principais: símbolos iconográficos; tapeçaria; arte; mosaicos; vidro colorido; cerâmica; trabalhos em metal e esculturas em madeira.

A arte sacra é uma forma de comunicação que envolve tanto do ser que pode inteligir com a arte, seja por meio de uma ideia que outro ser sentiu, inteliuiu e criou a arte em si para sua contemplação, com o intuito de levar a religiosidade ou uma forma de sacralidade visível sobre o Deus que se comunica com seu povo, como aquele que fica apenas para contemplar diante da arte que foi produzida e que no seu sentir e inteligir com a obra, acaba tendo uma realidade de acordo com sua interpretação e realidade que vive.

Portanto, este artigo, deseja destacar um assunto de extrema relevância, que é a arte sacra como uma forma que irá moldar o futuro da humanidade e da Igreja através de uma nova forma de pensar e de viver. Esse tipo de inteligência foi nomeado por Zubiri como “inteligência senciente”, caracterizada pela sua capacidade de conectar de forma estrutural o ato de inteligir e o ato de sentir, restaurando a ruptura que nunca deveria ter ocorrido na história da humanidade.

Desta forma, a imagem na arte sacra representa uma forma de expressão artística que está intimamente relacionada com a religiosidade e o sagrado.

2 O Concílio Vaticano II e a Liturgia

Em 1962, mais precisamente no mês de outubro, e após três anos de preparativos, o Papa João XXIII iniciou Concílio Vaticano II. Este grande evento teve como objetivo observar o modo de ser da Igreja e ao mesmo tempo revisitar a história, tirar dela nova força e vitalidade para continuar o caminho da evangelização. Com a morte do Papa São João XXIII, o recém-eleito Papa São Paulo VI, continuou no referido Concílio.

O *aggiornamento* do Papa São João XXIII deu um tom que originou as quatro constituições dogmáticas, nove decretos e três declarações, que trataram de uma série de questões relacionadas com a fé católica e o diálogo com o mundo moderno (TOMMASO, 2017, pp. 182-183). A primeira dessas constituições dogmáticas é a *Sacrrosanctum Concilium*, que tratou da reforma litúrgica. Como não é possível abranger aqui toda a Constituição, nos concentraremos no sétimo capítulo, que se intitula: “Arte e objetos sagrados”.

Sendo assim, a *Sacrrosanctum Concilium*, foi promulgada pelo papa no dia 04 de dezembro de 1963, ao final da segunda sessão conciliar. Sendo uma das quatro constituições apostólica emanadas do Concílio Vaticano II. Trouxe modificações no culto católico, pretendendo aumentar a participação do laicato na liturgia da Igreja, além de ser o primeiro documento emitido pelo Concílio e o único preparado pela Cúria Romana, a ter sido aprovado.

Apesar das dificuldades acima, assistimos hoje a um grande despertar no tema da arte sacra. Um concílio de grande importância para a história da Igreja contemporânea, que entre tantas preocupações deixou uma marca indelével na liturgia da Igreja ao propor uma reforma profunda não só em todos os ritos da Igreja, mas também na compreensão da liturgia. Desde o evento conciliar que resultou na promulgação da *Sacrosanctum Concilium*, a constituição conciliar sobre a liturgia, ainda enfrenta o processo de aceitação e assimilação da reforma litúrgica, mesmo com as mudanças feitas nas cerimônias.

A arte sacra deve manifestar-se e ao mesmo tempo conduzir ao Mistério. Segundo *Sacrosanctum Concilium*, a arte sacra: “Pela sua própria natureza, está dirigida à manifestação da beleza divina nas formas humanas, ao louvor e à glória de Deus, não tem outra finalidade senão orientar piedosamente a mente humana para Deus e contribuir para a sua conversão” (SC, 122). Portanto, a arte sacra na Igreja não só aparece bela, mas também manifesta o belo, pois a beleza se apresenta dentro da liturgia.

O documento não pretendia padronizar espaços e estilos de celebração ou dificultar a criatividade dos artistas. O Concílio, por outro lado, declarou: “A Igreja não tem nenhum estilo próprio. De acordo com o espírito dos povos, as condições e as necessidades dos vários ritos e das diversas épocas, admitiu uma grande diversidade de formas, que constituem hoje o seu tesouro artístico” (SC, 123). Graças a isso, vários artistas estão florescendo na igreja, dando vida aos espaços de culto com seu estilo, técnica e criatividade específicos. Podemos citar artistas como Cláudio Pastro, Marko Ivan Rupnik, Romolo Picoli Ronchetti, Maria Fonseca e outros.

O Concílio apontou, ainda, que: “Ao promover e favorecer a arte sacra, as autoridades locais devem visar à beleza nobre, mais do que à suntuosidade. Diga-se o, mesmo no que se refere às vestes sagradas e aos paramentos” (SC, 124). O grande artista esloveno Rupnik enfatiza nos seus escritos que a beleza não surge quando não há nada a acrescentar à obra, mas que a verdadeira beleza surge quando nada mais pode ser removido. Neste aspecto, é necessário reavaliar a prática pastoral, tão marcada pelo uso excessivo de roupas, objetos, imagens que poluem o espaço sagrado com excesso de informações.

A *Sacrosanctum Concilium* sublinha a importância e a necessidade da formação dos artistas: “Os bispos, pessoalmente ou com a ajuda de sacerdotes competentes e apreciadores da arte, devem trabalhar com os artistas para adquirir o espírito da arte e da sagrada liturgia” (SC, 127). A partir dessa compreensão, fica claro que os artistas não devem apenas estar munidos de técnica e conhecimento científico para realizar suas obras, mas também necessitam de formação litúrgica, teológica e pastoral para compreender a finalidade de cada espaço que compõem. Desta forma, o Concílio enfatiza: “Recomenda-se também que se criem escolas ou academias de arte sacra para formar artistas, nas regiões em que for necessário” (SC, 127).

Finalizando, o documento conciliar discute a formação do clero: “Durante os cursos de filosofia e de teologia, os clérigos devem estudar também a história da arte sacra e o seu desenvolvimento, os princípios que devem ser abordados na arte sacra para aprenderem a dar verdadeiro valor aos veneráveis monumentos da Igreja, para preservá-los e tornar-se capaz de orientar os artistas na criação das suas obras” (SC, 129).

Neste ponto, é preciso reconhecer que ainda há um longo caminho a percorrer para que os sacerdotes compreendam a arte sacra como uma arte que serve à liturgia e não apenas como espelho do seu gosto pessoal (TOMMASO, 2017, p. 164). Pois, a formação é necessária neste

momento sem uma corrente forte para se opor aos desafios do Concílio Vaticano II e uma tentativa de retorno ao esquema do Concílio de Trento (BOSELLI, 2014, p. 189).

Uma das coisas mais significativas que a inteligência senciente legou ao pensamento humano é a “verdade real”. Não tem nada a ver com a *adequatio* da escolástica, das ideias abstratas. Pura e simplesmente é a verdade da “coisa”. Coisa é uma palavra que tem um significado trivial para Zubiri e não tem nada do que chamamos de “coisismo”. Por trás deste coisismo está um interesse em proteger a dignidade humana da natureza reductiva da coisa. Zubiri explica: “Aqui estou usando 'coisa' no seu sentido mais trivial como sinônimo de algo” (ZUBIRI, 2011a, p. 3).

Esse algo pode ser uma arte que retrata um determinado momento de inteligência senciente, expresso em uma coisa material, e que pode expressar uma interpretação, tanto do ponto de vista do autor da obra, quanto do ponto de vista da pessoa que vai ver e interpretar esta obra. Com isso, se se tem dois momentos distintos para a coisa apresentada, tanto nas verdades quanto nos fatos reconhecidos segundo cada um dos observadores, desta maneira, o ser humano precisa reconhecer que a coisa como realidade tem a sua própria verdade.

A verdade, é claro, tem diferentes dimensões e até diferentes aspectos de acordo com os modos subsequentes de conhecimento: logos e razão. O logos possibilita o conhecimento de uma coisa entre outras que estão em um único campo de realidades. E a razão, como outro caminho mais profundo, permite-nos chegar ao auge do conhecimento criando uma “marcha” para chegar à maior profundidade possível. Mas, a menos que partimos da verdade real, tudo o resto pode resultar em meros conceitos vazios que não contêm nenhuma verdade de forma sustentável.

A verdade real é o ponto mais alto da inteligência senciente porque, sendo a verdade da questão, não está sujeita ao nosso julgamento. Somente a partir do logos e da razão, é que se pode estabelecer um julgamento que seja importante para a própria verdade. Mas quando negligenciamos, este fato, a verdade real, a verdade como um todo é prejudicada.

Segundo Romano Guardini, na Idade moderna, especialmente o Renascimento, perdeu justamente o órgão para este fato especial: “ver” o Mistério, uma liturgia ou, em geral, um símbolo. É uma forma de “presentificação” que não pode ser derivada de outras, porque é uma presença através de uma imagem sagrada que só pode ser captada por um ato especial: penetrar na presença divina da imagem, ou pelo menos na possibilidade de que esta presença é uma expectativa, um pressentimento. Esta presença requer do fiel, ou seja, daquele que está diante

da imagem, uma atitude especial: respeito, comunhão, adoração, temor e a tendência de aproximar-se (GUARDINI, 1960, p. 21).

Portanto, a arte sacra se encaixa perfeitamente neste quadro da inteligência senciente, em que sentir e inteligir são um único ato inseparável. E destaca-se a modalidade da inteligência senciente, que tem modos de apreender a realidade, sendo, um deles, a apreensão direta, imediata e unitária.

3 A interface em Zubiri

Nesta parte, ao pensar esta interface de Zubiri com a imagem na arte sacra, se compreende a realidade em seus mais diversos escritos, pois em sua trilogia sobre a inteligência Senciente (*Inteligência e Realidade*, *Inteligência e Logos*, *Inteligência e Razão*), em seu primeiro volume, descreve a inteligência senciente com mais insistência e clareza.

O termo realidade é decisivo no seu pensamento, pois segundo Bernardes, foi o contato com Einstein e Schroedinger e “outros grandes pensadores da física contemporânea (que) ofereceu a Zubiri uma noção decisiva: a realidade” (BERNARDES, 2020, p. 13), para compreender a realidade como um fruto da busca incansável.

Para Zubiri a *intelecção*¹ é um ato de apreensão. Pois na apreensão se distingue a índole essencial do inteligir e do sentir. Desta forma nos permite falar de apreensão sensível (sentir), que é comum ao animal e ao homem. Existem dois modos de apreensão sensível: um é a apreensão de estimulidade (própria dos animais) e o outro é a apreensão da realidade (própria do ser humano). “O sentir humano é essencial e formalmente impressão de realidade” (ZUBIRI, 2011a, p. 49), sendo a que a impressão é um ato de apreender. Mas este apreender enquanto ato de impressão é um ato de sentir. “Como apreensão de realidade, esse ato é formalmente o ato que chamamos de inteligir (...). Inteligir consiste formalmente em apreender algo como real” (ZUBIRI, 2011a, p. 50), e é algo exclusivo da inteligência humana.

Zubiri, vai ver isso como determinante, o inteligir e sentir são dois momentos de um único ato de apreender sencientemente o que é real. “Sentir algo real é formalmente estar sentindo intelectivamente”: inteligência senciente (ZUBIRI, 2011a, p. 56). O ato formal da *intelecção* senciente é apreensão que deixa impressão da realidade, isto é, o objeto é dado na

¹ Esses termos destacados por nós são determinantes no pensamento de Zubiri. Mas evitaremos descrever cada um deles para não correremos o risco de alongamento do texto. Para maior precisão dos termos, consulte o primeiro volume da Trilogia *Inteligência Senciente* *Inteligência e Realidade*, p. 3-136.

própria inteligência. Dizer isso significa que a inteligência senciente tem um objeto formal próprio que é a realidade a qual o indivíduo tem daquele objeto.

Como a intelecção senciente é apreensão que fixa algo como real; o próprio do real inteligido é estar presente na impressão de realidade. “Estar é um momento próprio da própria coisa; é ela que está” (ZUBIRI, 2011a, p. 97), e estar presente como um mero fato na inteligência senciente. Realidade é “estar presente a partir de si mesmo como real (...). Quando sentimos de forma impressionante uma coisa real como real, sentimos que ela está presente em si mesma em seu próprio caráter de realidade” (ZUBIRI, 2011a, p. 100)”. Isso em si é o que Zubiri chama *de suyo*, (grifo nosso) expressão tão cara ao pensamento de Zubiri. “O apreendido é ‘em próprio’, isto é, é ‘de seu’ na apreensão, mas antes da apreensão; é apreendido, mas como algo anterior à apreensão” (ZUBIRI, 2011a, p. 100).

Desta maneira, isso faz ver que pela ideia de intelecção senciente como uma simples atualização do real como real, compreende a realidade de Zubiri diferente do que a filosofia compreende. A realidade é “a formalidade da alteridade daquilo que é percebido sensivelmente, ou seja, sencientemente. E este momento consiste no fato de que aquilo que é apreendido permanece na apreensão como algo “em próprio”, algo “próprio”. Realidade ou realidade é o “de seu” (ZUBIRI, 2011a, p. 138) em sua formalidade.

O “de seu” é o segundo momento do qual o “já” é o que é apreendido. E “já”, vai expressar a anterioridade formal do apreendido ao seu ser apreendido; que é o *prius*. Por conta disso, a formalidade da realidade nos instala no que se entende como realidade em si, ou seja, a partir da inteligência senciente, sendo:

- 1º - Realidade é algo sentido; é uma formalidade de alteridade;
- 2º - Esta formalidade é o “de seu”;
- 3º - É o mais radical da própria coisa. E isso é essencial.

Isso significa que a realidade não coincide com a existência. A existência é um momento de realidade; ser real é anterior à existência. A prioridade aqui não tem nada a ver com temporalidade, mas com a ordem de estabelecimento formal. Para Zubiri, a inteligência incipiente escapou precisamente no momento do ‘de suyo’ e mergulhou na metafísica da realidade como existência.

A realidade, porém, é algo sentido intelectualmente nas coisas: é um “sentimento” e o é numa coisa. Assim sentido nela, ‘em’ prius; portanto, esta prioridade interior é o momento radical da própria coisa. Uma coisa, tal como determinada na formalidade da realidade, é uma coisa constitutivamente real: é o real (ZUBIRI, 2011a, p. 141).

O filósofo e pensador Xavier Zubiri, autor desta expressão “inteligência senciente”, estudou durante toda a sua vida para retratar com a maior precisão possível toda a extensão desta forma de conhecimento, o que significa superar todos os racionalismos, idealismos e abismos dualistas que formou o caminho. O pensar e agir no nosso mundo contemporâneo, que tem as suas raízes no pensamento grego. Então, Zubiri tenta definir o problema em termos muito específicos:

Ao longo de toda a sua história, a filosofia tratou muito detidamente dos atos de intelecção (conceber, julgar, etc.) em contraposição aos diferentes dados reais que os sentidos nos fornecem. Uma coisa disse-nos é sentir, outra é entender. Esse enfoque do problema da inteligência contém, no fundo, uma afirmação: entender é posterior ao sentir, e esta posterioridade é uma oposição. Foi a tese inicial na filosofia desde Parmênides, que veio gravitando imperturbavelmente, com mil variantes ao longo de toda a filosofia europeia. (ZUBIRI, 2011a, p. iii)

No pensamento de Zubiri, o ser está além da realidade porque se baseia nela e, como tal, é intrinsecamente sustentado pela realidade. É um neologismo muito (ZUBIRI, 2011a, p. 5) significativo expressar um conhecimento que não separa sentir e entender como faculdades distintas e até opostas.

Esta separação entre sentir e entender trouxe grandes prejuízos, especialmente para o Ocidente, que foi protagonista do racionalismo, que fez do sentimento o “primo pobre” da possibilidade do conhecimento e inflou o ego humano com teorias do conhecimento que colocaram o sentimento em suspeita. Tavares vai dizer:

Zubiri pensa de um ponto vista da descrição fenomenológica, apontando uma possibilidade de apreensão primordial da mente em relação ao real que tudo o que é pensado é ao mesmo tempo sentido e o que é sentido é pensado. Dessa forma não apenas os erros da história da metafísica seriam as consequências naturais dessa separação como também o caminho para a filosofia do século XX não seria o de desistir de um conhecimento de cunho metafísico. (TAVARES, 2016, p. 13)

As palavras de Tavares fazem-nos perceber que nos falta a visibilidade da ideia de realidade num momento em que ela já parece impossível. Quando Zubiri tenta retornar ao conceito de realidade e apoiar a possibilidade de seu conhecimento rigoroso, ele vai na contramão.

O século XX é caracterizado por uma crença generalizada de que o acesso ao real é impossível, seja como consequência de uma radicalização do ceticismo moderno, seja como recepção dos problemas que a fenomenologia de Husserl nos legou. (TAVARES, 2016, p. 11)

A fenomenologia de Husserl nos legou que “ao rejeitar a ideia de ato de uma faculdade, a filosofia não fez senão substantivar o ‘dar-se conta’, fazendo da intelecção um ato de consciência” (ZUBIRI, 2011a, p. 4) mas “isto não corresponde aos fatos”, conforme descreve Zubiri (ZUBIRI, 2011a, p. 5). Na inteligência senciente, sentimento e compreensão são um ato único e estruturalmente indivisível. Zubiri trabalhará livremente com neologismos, cunhando outro termo para nomear uma forma de conhecimento que chamou de inteligência concipiente, baseada inteiramente em conceitos que se sucedem sem qualquer base na realidade. Desta forma, Tavares vai afirmar que “a postura de Zubiri acerca da metafísica não é um retrocesso e, sim uma possível chave para o pensamento do futuro” (TAVARES, 2016, p. 17).

5 Conclusão

Para chegar a uma definição de inteligência senciente, o ser humano sente e compreende a realidade nos seus modos de compreensão primordial, no logos e na razão. É no logos e na razão que a realidade pode ser compreendida conceitualmente, pois a capacidade de conceituar é um dom do ser humano, que pode ser colocado na questão da fé, como um dom que Deus nos dá. Mas a questão é ter a realidade como base de todo e qualquer conceito, que sem ela ficaria sem qualquer base, como se permanecesse no ar. E foi isto que levou a humanidade à crise que já aparece no mundo grego quase inocentemente com a separação entre sentimento e compreensão. São coisas que não mostram a sua seriedade desde o início, mas passo a passo vão avançando como se fosse normal.

Quando recordamos e olhamos para o Concílio Vaticano II, reconhecemos os frutos do acontecimento que conduziu a Igreja a uma nova dinâmica de evangelização e de autocompreensão. Deve-se notar também que para muitos o concílio permanece em grande

parte desconhecido, enquanto para outros é algo a ser evitado e rejeitado. É, portanto, urgente visitar o Concílio Vaticano II para absorver as suas intuições e colocá-las em prática.

Recordando as palavras do papa São João XXIII, em seu discurso de abertura do Concílio Vaticano II: “Queira o céu que vossas canseiras e vosso trabalho, para o qual se dirigem não só os olhares de todos os povos, mas também as esperanças do mundo inteiro” (ALMEIDA; MANZINI; MAÇANEIRO, 2013, p. 39).

Aos investigadores de arte sacra e aos artistas sacros, cabe, permitir que o Concílio se torne uma realidade objetiva nas nossas comunidades paroquiais, para que a arte sacra seja uma forma mistagógica de encontro com a presença. Dessa forma, a arte sacra é uma expressão artística que surgiu para incitar a fé e é representada por obras que promovem uma mensagem por meio da religião. Neste contexto, o significado de religião é amplo, pois inclui um conjunto de crenças humanas que podem remeter a significados sagrados, espirituais ou divinos. Como este movimento pretende promover uma qualidade religiosa, as suas peças, além de aludir a temas religiosos, devem também dignificar assuntos relacionados com a fé.

Portanto, o artista deve viver uma relação profunda e peculiar, particular, com a beleza de sua obra, na realidade que apresenta, e com isso, tem uma profunda verdade expressa no seu sentir e inteligir, pois a beleza é uma vocação que o Criador, ou seja, Deus o chamou e deu um dom artístico. Desta forma, a imagem na arte sacra tem esta finalidade de mostrar o sagrado e a religiosidade que perpassa pelo veio artístico em sua essência de modo representado pela manifestação artística.

Dentre as atividades mais nobres da mente humana estão, de forma natural, as artes plásticas, especialmente as artes religiosas e, como seu ápice, as artes sagradas. Por natureza, procuram expressar de alguma forma a beleza infinita de Deus através das obras das mãos humanas, sendo orientados para a glória e o louvor de Deus. E através das suas ações eles podem comunicar plena e eficazmente o espírito humano a Deus.

Sendo que dentro da liturgia, isso engloba todo o conjunto de ritos e cerimônias sagradas, e especificamente em nossa fé cristã e católica, no leva a celebrar o mistério da morte e ressurreição de Cristo e renovam constantemente a fé e o seu culto a Deus. Desta forma compreender a arte sacra com um elemento que liga ele ao sagrado levando ao mistério pascal. Porém aquele ser humano que não segue a mesma ideia religiosa do cristianismo, pode não compreender a arte sacra desta maneira, mas o faz interpretar a arte como arte religiosa, onde

pode inteligir com ela entendendo sua forma de levar ao sagrado, mesmo não compreendendo os mistérios religiosos do cristianismo.

Com a inteligência senciente, que, ao ver, representa a inteligência com que o artista, ao fazer a sua obra sagrada, dá oportunidade a quem agora tem o poder de mostrar ao mundo inteiro, de expressar a sua verdade e os seus sentimentos, e pode até mostrar que a obra contém a verdade e se torna um poderoso instrumento de salvação para quem a sente e a compreende. Mas acima de tudo, a arte sacra visa “por natureza, exprimir de alguma forma nas obras humanas a beleza infinita de Deus e procuram aumentar seu louvor e sua glória na medida em que não tiverem outro propósito senão o de contribuir no poder para encaminhar os corações humanos a Deus” (SC, 122). Sem dúvida, pode-se concluir que o artista como pessoa também expressa a verdade da sua relação com Deus através da beleza das suas obras de arte.

A liturgia e a arte são elementos que qualificam o patrimônio comum do cristianismo, que se baseia na exaltação da beleza, ou seja, do valor divino da obra do ser humano.

Referências

ALMEIDA, J. C. MANZINI, R. MAÇANEIRO, M. *As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida: Santuário, 2013.

BERNARDES, M. S. *Introdução a Xavier Zubiri*. Pensar a realidade. São Paulo: Paulus, 2022. (coleção. Como ler filosofia)

BERNARDES, M. S. Prefácio. In: BERNARDES, V. COSTA, V. NEVES, M. (Orgs.). *Xavier Zubiri: interfaces*. São Paulo: Ideias & Letras, 2020.

BOSELLI, G. *O sentido espiritual da liturgia*. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017. (coleção Vida e Liturgia da Igreja)

BURCKHARDT, T. *A arte sagrada no Oriente e no Ocidente: princípios e métodos*. São Paulo: Attar Editorial, 2004.

CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA. *A arte de celebrar: guia pastoral*. 1. ed. Brasília: CNBB, 2015.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA. *Liturgia: fonte e ápice da vida e ação da Igreja*. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução geral do Missal Romano e introdução ao lecionário*. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2009.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição conciliar Sacrosanctum Concilium: sobre a sagrada liturgia*. 11 ed. São Paulo: Paulinas, 2019.

COSTA, V. *Encontro com Deus na Liturgia*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

GUARDINI, R. *La esencia de la obra de arte: cristianismo y hombre actual*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1960.

PASTRO, C. *O Deus da beleza: a educação através da beleza*. São Paulo: Paulinas, 2008.

RATZINGER, J. *Opera Omnia: Teologia della Liturgia*. v. XI. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2010.

TAVARES, R. *Uma filosofia do real depois de Heidegger: O caminho fenomenológico de Xavier Zubiri*. Londres: Novas Edições acadêmicas, 2016.

TOMMASO, W. S. *O Cristo Pantocrator: da origem às igrejas no Brasil, na obra de Cláudio Pastro*. São Paulo: Paulus, 2017.

ZUBIRI, X. *Naturaleza, historia, Dios*. Madri: Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri. 1999.

_____. *Natureza, História, Deus*. São Paulo: É Realizações, 2010.

_____. *Inteligência e realidade*. São Paulo: É realizações, 2011a.

_____. *Inteligência e logos*. São Paulo: É realizações, São Paulo, 2011b.

_____. *Inteligência e razão*. São Paulo: É realizações, São Paulo: 2011c.